

**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

FEMINISMOS E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA O ESPORTE OLÍMPICO NO BRASIL

Mayara Cristina Maia

RESUMO

Nosso trabalho se apresenta como um recorte dos estudos construídos para uma pesquisa de mestrado pelo programa de pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Construímos um recorte teórico sobre as compreensões e repercussões dos feminismos através de estudos de feministas de diferentes períodos. Objetivamos compreender suas possíveis implicações em acontecimentos importantes para as mulheres nas Olimpíadas. Baseamo-nos principalmente nas obras de Simone de Beauvoir (1949), Joan Scott (1986) e Judith Butler (2007). A pesquisa ainda se apresenta em andamento, mas já revela pontos importantes dos feminismos que atuaram como influenciadores sobre as lutas pelos direitos das mulheres no âmbito das Olimpíadas.

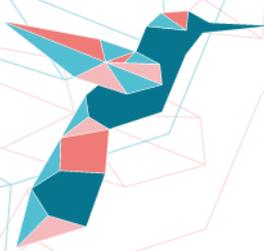
PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Feminismo; Olimpíadas.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho se apresenta como um recorte dos estudos construídos para uma pesquisa de mestrado pelo programa de pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, centrada em estudos relacionados com o Feminismo, o Cinema e a mulher atleta olímpica.

Os Jogos Olímpicos Modernos são realizações de um evento baseado nos modelos dos Jogos Gregos Antigos e foram idealizados por Pierre de Coubertin em 1896, seguindo em sua primeira realização com a proibição da participação das mulheres (RIO2016, 2012). Estes dados apontam para uma dimensão importante ao pensar os Jogos Olímpicos como evento que reflete elementos de nossa cultura, a perspectiva patriarcalista que historicamente acompanha as civilizações.

A primeira vez que as mulheres participaram das Olimpíadas foi em 1900 com uma participação de 11 mulheres que só poderiam competir nos esportes de Tênis e golfe. Após 116 anos da criação dos Jogos Olímpicos Modernos, em Londres, 2012, o evento contou com a participação de 10.500 atletas, sendo 4.620 mulheres, das quais 123 eram brasileiras (RIO2016, 2012). A gradação de crescimento dos números nos dados apresentados revela a crescente participação das mulheres como atletas nos Jogos Olímpicos de 2012, com um quantitativo superior a todas as outras realizações do evento. Também foi nos Jogos Olímpicos de 2012 que as mulheres alcançaram participação em todas as modalidades



disputadas no evento (RIO2016, 2012). Conquistas como estas são reflexo de lutas das mulheres por direitos em espaços culturalmente ditos masculinos, como o esporte.

Trabalhos como os de Mourão (1999) e Goellner (2012) trazem como objetivo do estudo descrever a significação das representações sociais associadas à mulher brasileira nas atividades físico-desportivas do passado e dos dias atuais no campo olímpico, com intento de desnaturalizar a inferiorização feminina no espaço esportivo. Já a pesquisadora Ariani (2011) dialoga com o preconceito contra jornalistas, repórteres e apresentadoras no esporte brasileiro e mundial, trazendo assim um panorama da presença ou ausência das mulheres nos espaços de comunicação que dialogam com os esportes.

Paim e Strey (2006), dentre dos seus interesses, buscaram compreender como homens e mulheres atletas percebem as consequências da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo da Argentina e os resultados apontaram alguns fatores causadores de prejuízos psicológicos para a mulher atleta: o não reconhecimento de desempenho profissional dentro das quadras; as relações sociais no esporte serem constituídas em cima de valores sexistas e; a mulher atleta não viver dignamente através de seu trabalho no contexto esportivo. As pesquisadoras apontam esses fatores como formas simbólicas de dominação de sexo, que impedem a construção de uma sociedade justa para homens e mulheres.

Filho e Araújo (2011) pesquisaram sobre as possíveis relações entre os feminismos e as práticas esportivas e defendem que essas possíveis relações contribuem para entender processos de exclusão, inclusão e interferências das mulheres no âmbito esportivo, mas especialmente, nos jogos olímpicos. Citam os estudos de Flintoff e Scraton (2002) que apresentam atividades presentes em organizações como a *Women's Sport Foundation*, a *Women's Sport Internacional* e a *Windhoek Agreement* que pressionam os órgãos esportivos internacionais colocando a questão da igualdade entre os sexos no esporte na agenda esportiva internacional e lutando por participação em conselhos esportivos.

Assim, ao realizarmos um passeio por alguns recortes da história do esporte e dos Jogos Olímpicos, além da visibilidade das mulheres nas produções cinematográficas mundiais, é possível conhecermos diversos discursos históricos que fizeram e fazem parte do processo de inclusão das mulheres no âmbito esportivo. Construimos um recorte teórico sobre as compreensões e repercussões dos feminismos através de estudos de feministas de diferentes períodos, objetivando compreender suas possíveis implicações em acontecimentos importantes para as mulheres nas Olimpíadas.



AS VOZES DOS FEMINISMOS ENTRE AS OLIMPIADAS

Não existe uma data exata sobre o momento em que as mulheres iniciaram a requerer seus direitos na sociedade. Sabe-se que foi muitos anos antes da palavra “feminismo” surgir (FILHO E ARAÚJO, 2011). Com o passar dos períodos, dependendo do momento histórico, da cultura e do país, as mulheres tiveram diferentes causas e objetivos em suas buscas por direitos e acessos.

As primeiras pautas de um pensamento revolucionário voltado para os direitos das mulheres foram registradas através do surgimento das lutas de mulheres com seus discursos que embarcavam nos movimentos políticos e em outras contestações sociais, ganhando relevância a partir do século XIX nas diversas sociedades ocidentais e almejando garantias da condição humana às mulheres como a conquista da cidadania plena (FILHO E ARAÚJO, 2011). Estas lutas, segundo Filho e Araújo (2011), foram intituladas de “feminismo” por pesquisadores só na década de 60 e 70.

Ao defendermos que muitas causas feministas tanto influenciaram positivamente quanto negativamente no percurso das lutas das atletas olímpicas, sentimos a necessidade de problematizar o movimento feminista como esse lugar de construção de discurso que tem sua especificidade e contribuição crítica. Devido as diversas correntes formadas nos movimentos feministas, acreditamos não existe apenas um feminismo, mas vários feminismos que alcançam épocas, lugares e pessoas distintas. Portanto, recorremos a Jane Freedman (*apud* FILHO; ARAÚJO, 2011), para compreendermos de forma ampla a essência que predomina em qualquer uma dessas vertentes, o que fez Freedman caracterizar o feminismo no plural e discorrer:

Los feminismos se ocupan de la situación de inferioridad que sufren las mujeres en la sociedad y de la discriminación com que se encuentran por razón de su sexo. Además, se podría añadir que todas las feministas exigen câmbios em el orden social, económico, político o cultural para reducir y, finalmente, superar esta discriminación contra las mujeres. (FREEDMAN *apud* FILHO; ARAÚJO, 2011, p. 17)¹.

¹ Os feminismos se ocupam com a situação de inferioridade que sofrem as mulheres na sociedade e com a discriminação com que se encontram por razão de seu sexo. Além disso, pode-se acrescentar que todas as feministas exigem mudanças de ordem social, econômica, política ou cultural para reduzir e, finalmente, superar esta discriminação contra as mulheres.



Com o início das teorias feministas, os diversos discursos foram ganhando espaços para estudos e julgamentos. Acreditamos que o conhecimento histórico não é um documento fiel da realidade passada, assim não arquiva todas as condições vivenciadas por homens e mulheres ao longo do tempo. Mas, na perspectiva dos nossos estudos, oferece um modo de compreensão do processo através do qual gênero é produzido. Então, para construirmos um parâmetro de embasamento teórico sobre os feminismos, seguimos Filho e Araújo (2011), quando afirmam que a forma mais recorrente de classificar o movimento feminista é a que os divide em distintos momentos históricos, como uma série de ondas.

A primeira atuação significativa de atividades chamadas feministas e considerada por muitos pesquisadores como a primeira onda, se iniciou nos países ocidentais através do direito ao voto, o acesso a escolas, a possibilidade de trabalhar fora de casa, entre outras reivindicações até o século XIX. Madeleine Guilbert pela sociologia, Margareth Mead pela antropologia e Simone Beauvoir pela filosofia foram estudiosas feministas que apresentaram estudos críticos sobre os papéis das mulheres na sociedade durante essa onda e que são estudados até os dias de hoje (FILHO; ARAÚJO, 2011).

No Brasil, Duarte (1995) afirma que Nísia Floresta, original do Estado do Rio Grande do Norte, era educadora, escritora e poetisa potiguar e é considerada a primeira mulher brasileira a votar e a romper os limites entre os espaços público e privado publicando textos em jornais.

A segunda onda foi marcada por ideais e ações associados com os movimentos de liberação feminina iniciados na década de 1960, lutando pela igualdade legal, política e social para as mulheres. O conceito de gênero surgiu nessa onda e foi construído por algumas estudiosas da língua inglesa. Os estudos de Beauvoir ganharam mais visibilidade durante essa onda. A historiadora Joan W. Scott por sua vez, introduziu o conceito de gênero na História através de seu artigo "*Gender a Useful Category of Historical Analysis*", publicado em 1986, no qual, a autora critica a existência de um sujeito único universal.

A terceira onda marcante desse movimento aconteceu na década de 1990, como forma de continuação da segunda atuação. Mas as questões já não eram apenas discutir as diferenças entre homens e mulheres, mas também, as diferenças entre as próprias mulheres. Filho e Araújo (2011), afirmam que essa luta contra as noções fixas de identidade feminina encontrou maior respaldo com o surgimento dos chamados feminismos negros e terceiro mundistas que



trata de acrescentar as questões de etnia, raça e nacionalidade junto às questões tradicionais de opressão sofrida pelas mulheres.

Os Feminismos apesar de não serem identificados sempre que aparecem na mídia, são considerados movimentos que causaram e ainda causam mudanças significativas nas culturas e nos direitos humanos. As mulheres começaram a lutar pela integridade, proteção e posse de seus corpos, pelos direitos trabalhistas, incluindo salários iguais, pelo direito a arte, a música, a literatura e ao esporte como buscaremos encontrar como provas nos discursos das atletas olímpicas.

Pinto (2003), em sua obra “Uma história do feminismo no Brasil”, considera três momentos dos feminismos no Brasil. O primeiro momento se encontra no período da virada do século XIX para o século XX, com destaque no sufrágio pelas mulheres em 1932. Ficou caracterizado como um momento de pluralização do feminismo por causa das maneiras distintas que esses grupos abordavam sobre mudanças políticas e sociais. Bertha Lutz, uma mulher influente por seu nível financeiro e sua família, foi uma representante desse período que almejava o direito ao voto e a mais participação política das mulheres, utilizando o que Pinto (2003) chamam de feminismo “bem comportado”, por não questionar relações patriarcais.

Dentro deste contexto histórico, encontramos no código Civil de 1916, segundo Filho e Araújo (2011), artigos que reafirmavam suposta inferioridade e incapacidade da mulher em relação a educação, a criação e ao local de residência dos filhos, colocando-a como dependente do homem. Com esses dados, temos uma noção mínima das características da sociedade do início do século XX.

Bertha Lutz em 1922 fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino e representou o país em congressos internacionais com seu feminismo “bem comportado”, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. (PINTO, 2003). Já os grupos do feminismo representados pelo jornalismo e pelos anarquistas e comunistas eram visto como “mal comportados”.

Filho e Araújo (2011), apresentam o jornalismo da época como um meio para a expressão de grupos descontentes com as questões políticas. Mas só conseguiam cobrir uma parte da classe média, devido ao grande número de analfabetos nos quais, grande parte eram mulheres. Outro feminismo no Brasil foi o formado por ideias anarquistas trazidas para o



Brasil pelos imigrantes europeus que tanto contribuíram para as greves operárias e denunciam a opressão masculina (FILHO; ARAÚJO, 2011).

Em nossa percepção, não se trata de considerar que cada momento das lutas feministas é algo relacionado ao passado. A ideia desse resumo teórico sobre os feminismos é justamente revelá-los como plural e apresentarmos a sobreposição de temas mais discutidos desses movimentos.

Escolhemos dialogar com Simone Beauvoir por sua obra ter sido a primeira a ganhar grande repercussão por contesta todo determinismo biológico e os desígnios divinos sobre o papel social da mulher, distinguindo a construção do “gênero” (não propriamente o termo gênero por ainda não ter sido criado nesse período, mas as características de gênero compostas pelos comportamentos sociais) e o “sexo dado” e assim, desnaturalizando o “ser mulher”; Joan Scott, por ter sido umas das precursoras do termo “gênero” e enfatizado críticas sobre um sujeito universal e os usos errôneos do termo “igualdade” e Butler com seu papel fundamental para os estudos feministas ao questionar o conceito de mulheres como sujeito dos feminismos, criticando o modelo binário e empreendendo uma tentativa de desnaturalizar o gênero, considerando-o um ato performático dentro da sociedade.

Beauvoir (1949), procurou responder o que significa ser mulher e ganha até os dias de hoje repercussão mundial com as suas frases marcantes, a saber uma delas: “Não se nasce mulher: torna-se”. O que nos faz refletir que ser mulher é um construto e acontece constantemente durante toda a nossa vida.

Para Beauvoir tudo se constrói, incluindo a felicidade e, claro, a identidade pessoal. A feminista defendia que a sociedade não pode ser fragmentada em homens e mulheres e justificava sua afirmação dizendo que ambos são necessários para propagação, e assim, uma parte é conectada a outra, mas que infelizmente esse conhecimento da necessidade da mulher não a liberta.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 34).

Ao relacionarmos esses estudos da construção do “ser mulher” de Beauvoir com as construções de identidade de mulheres que objetivam ser atletas, encontramos rupturas nas construções do gênero feminino esperadas por uma sociedade heteronormativa. Pode ser



exemplificado algumas atitudes possíveis da vida de uma atleta como o adiamento ou cancelamento para ser mãe, as diferenças físico-estéticas encontradas em seus corpos, a busca por um espaço profissional no âmbito esportivo e atividades diárias que não correspondem sempre aos afazeres domésticos.

O esporte, segundo Goellner (2005), possui fatores que quando não compreendidos os conceitos de sexo e gênero, põem em dúvida as posturas da mulher frente a sociedade:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, as rivalidades consentidas, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. (GOELLNER, 2005, p. 6).

A aproximação da inclusão das mulheres em papéis socialmente considerados para homens não é considerada por estas estudiosas uma invasão ou competição de cargos. Mas como um direito humano. Beauvoir (1949) não defende correntes que querem sobressair as mulheres sobre os homens, apenas escreve sobre a realidade da mulher que se faz dependente do homem. “Ela é sempre a escrava, ou vassala do homem. Há uma dependência da mulher pelo homem. [...] O homem provém materialmente a mulher, que por meio dessa ‘proteção’ recusa sua liberdade”. (BEAUVOIR, 1949, p. 1). As mulheres que quebram os padrões sociais encontram diversos obstáculos e impedimentos para alcançar as realizações do seu eu que são diferentes desses padrões.

Dentro do esporte, apesar das recorrentes conquistas e dos efetivos desempenhos exemplares das mulheres em suas performances esportivas, a exigência social da presença da mulher no lar ainda se faz constante. Muitas adolescentes são orientadas a abandonar seus sonhos esportivos para efetuar apenas suas atividades domésticas. Para Young (*apud* DEVIDE, 2005, p 50), “esta exclusão das meninas dos esportes organizados, desde a infância, muitas vezes contribui para desenvolver uma concepção de si mesmas como sedentárias, frágeis e incompetentes para o esporte”.

O processo de exclusão das mulheres na prática esportiva e de atividades físicas no Brasil ocorreu pelo afastamento da participação ativa na sociedade, incluindo sua participação como atletas olímpicas até 1932. A elas eram entregues os papéis de mães e donas de casa e suas vidas pacatas restringiam-se a isso (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).



O Brasil teve em Maria Lenk, atleta brasileira de natação, um ícone na representação feminina nos esportes nas olimpíadas em 1932. Desta forma, pode se ver que “a liberdade que hoje a mulher possui vem de longa data e através de muitas lutas que elas mesmas travaram” (RUBIO; SIMÕES, 1999).

Segundo Alonso (2002), foi a partir de questionamentos provocados pelos movimentos feministas na década de 1960 sobre os papéis sociais da mulher, como o de que as mulheres deveriam se dedicar exclusivamente a casa, a família e cultivar a feminilidade, que as mulheres passaram a participar mais de atividades esportivas.

Algumas mulheres feministas foram fundamentais para a inclusão feminina nas competições esportivas e, em especial, nas olimpíadas. Uma das figuras mais importantes para a inclusão das mulheres nas olimpíadas foi a francesa Alice Melliat, que através da Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI), lutou insistentemente contra o Comitê Olímpico Internacional que proibia a entrada efetiva das mulheres nas competições de atletismo e de outras modalidades nos Jogos Olímpicos.

Durante a história, entre restrições patriarcais e reivindicações feministas, uma das aberturas significantes iniciou-se durante a revolução industrial e as grandes guerras mundiais, ocorridas entre segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, as mulheres do Brasil acabaram ocupando os espaços que os homens deixaram nas indústrias, que estavam em função militar durante as guerras. Conseqüentemente, as mulheres começaram a participar da vida moderna, com novos empregos e *status* (MIRAGAYA, 2002).

Ao passo que as mulheres ganhavam espaços e direitos, elas revelavam competências e habilidades das mulheres compatíveis às dos homens. Miragaya (2002), fala dos movimentos feminista que ocorreu na América do Norte e na Europa que trouxe como consequência do desenvolvimento científico e tecnológico, avanços nas causas feministas:

[...] foi o movimento feminista que ocorreu na América do Norte e na Europa que trouxe como consequência do desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente por causa da invenção da pílula anticoncepcional, que ajudou as mulheres a enfrentar os métodos tradicionais, controlar sua vida sexual, e planejar sua família. Os novos papéis que as mulheres assumiram durante e depois da Segunda Guerra Mundial adicionaram-se aos avanços da ciência e produziram um repensar da posição da mulher na sociedade: um desafio às ideias tradicionais sobre os papéis do gênero. Como resultado desse novo posicionamento, foi possível observar um aumento na participação das mulheres no esporte e, com ele, a preocupação com a posição de



desigualdade da mulher na sociedade e no esporte. (MIRAGAYA, 2002, p. 20).

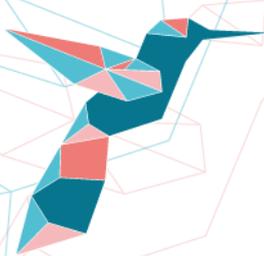
Ao reconhecermos a importância dos estudos de Simone Beauvoir, devemos também evidenciar limitações em suas obras para discutir desdobramentos do movimento feminista não vivido e/ou vislumbrados pela autora. Encontramos Joan Scott, professora de Ciências Sociais no Instituto de Estudos Avançados em Princeton, historiadora e militante feminista norte-americana, que surge com seus estudos sobre gênero e poder em 1986. Scott (2005) trabalha em sua obra sobre perguntas de como encontrar gênero na História e propõem através do uso da categoria “gênero” compreender e explicar significativamente o caráter relacional, transversal e variável dessa categoria analítica. A estudiosa afirma que é observando a textualidade, a maneira como os argumentos são estruturados e apresentados dentro de discursos que se identifica o gênero e não apenas o que é dito literalmente.

Ao estudarmos sobre os movimentos feministas, ouve-se muito falar sobre o direito a igualdade. Scott (2005) inaugura um conceito de igualdade quando diz que esta não é a ausência ou a eliminação da diferença, e sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração.

Ao relacionarmos com o campo esportivo, um exemplo da luta por igualdade levando em consideração as diferenças físicas e fisiológicas entre homens e mulheres são os esportes olímpicos serem distribuídos em realizações da mesma prova com competições só entre homens e só entre mulheres. Em 2012, o conselho internacional das olimpíadas ameaçou suspender os direitos de participação desses jogos aos países que não cumprissem com as exigências de igualdade dos sexos (RIO2016, 2012).

Para Scott (1990), as relações entre os sexos são construídas socialmente, como já havia sido sinalizado por Beauvoir, porém, ressalta a importância de ir além e buscar explicar como estas relações são construídas e porque são construídas de forma desigual privilegiando o sujeito masculino, estudar como funcionam e como mudam para integrar ou mudar os paradigmas históricos existentes (SCOTT, 1990).

Na atualidade, encontramos Judith Butler como uma das feministas que admitem a importância de Simone Beauvoir e Scott, mas encontra outras limitações e ultrapassa as reflexões dos períodos anteriores, ao julgar não mais o conceito de mulher, ou se pretender apenas ao conceito de gênero, mas invade as construções já rígidas de quem são realmente os sujeitos do feminismo.



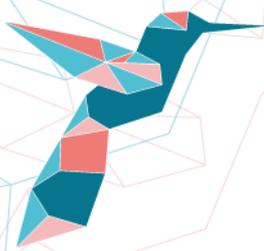
Butler (2003) não acredita que as pessoas consigam se enquadrar o tempo todo no sistema binário, o que existe são níveis de viabilidade. O problema, portanto, defende Butler (2003), está em desfazer os regimes de visibilidade, criando estruturas emancipatórias suscetíveis a mudança, revisão e emenda. Afirma que a subjetividade de uma pessoa se forma baseada no outro que aparece diante dela e faz exigências sobre ela, estruturando seu ser desde o começo, junto com as impressões originais produzidas dessa pessoa quando era criança pelo mundo adulto.

Assim, Butler (2003) apresenta o gênero como possuidor de um caráter imitativo, como um tipo de performance que pode ser dar em qualquer corpo, portanto desfaz a ideia de que a cada corpo corresponde somente um gênero. Seguindo os pensamentos de Butler, os gêneros não podem ser considerados verdadeiros ou falsos, somente como produções de efeitos de uma verdade através de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER; 2003, p. 195).

Não seguir o gênero feminino instituído pela sociedade heteronormativa põem em julgamento suas “infratoras”. Aquelas atletas que se submetem a rupturas sociais precisam apresentar rapidamente um resultado bastante significativamente positivo e/ou tornar tais atividades sagradas, ou terão muitas de suas características, como exemplo, sua sexualidade e seu retardamento em ser mãe, colocadas imediatamente nos julgamentos como atitudes profanas.

Os jogos de Atlanta de 1996, segundo o site Rio 2006 (2012), trouxeram medalhas em todos esportes de duplas ou coletivos das mulheres. Hoje, as quebras ou o esquecimento desses regimes de verdade aparecem após as conquistas das mulheres no esporte. Kleyten Quadros trouxe pelo judô, o bronze nos jogos de Pequim em 2008. E foi também nesta olimpíada que Maurren Maggi consagrou o primeiro ouro olímpico feminino para o Brasil no salto em distância. 2008 foi outro ano olímpico decisivo para a história da mulher atleta (RIO2016; 2012). Além destas medalhas, as equipes femininas também ganharam de forma inédita o ouro no vôlei e a prata no futebol, com o time que consagrou Marta como a melhor jogadora de futebol do mundo. Fernanda Oliveira e Isabel Swan também ganharam bronze na vela, modalidade que o Brasil mais ganhou medalhas até hoje, e Natália Falavigna ganhou bronze no Taekwondo (RIO2016; 2012).

Portanto, a partir da terceira onda dos feminismos, as mulheres começam a enxergar as diferenças gritantes entre gênero e sexo, o que fortalece as suas determinações em



“desobedecer” a sociedade em que vive, por acreditarem que também tem direito de viverem os esportes.

Na atualidade, segundo Adelman (2003), o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos. Com a declínio da domesticidade feminina, o padrão de fragilidade começa a ceder terreno as novas formas de se inserir de maneira ativa na sociedade em que se vive.

Em 2012, no território de Londres, todos os países participantes tiveram representantes mulheres e pela primeira vez foi incluído o boxe feminino, fazendo com que pela primeira vez na história as mulheres participem de todos os esportes olímpicos, com um resultado extremamente positivo para o Brasil quanto a participação das mulheres. (RIO2016, 2012). O Brasil alcançou medalhas por parte das mulheres com ouro no vôlei de quadra e no judô, medalha de bronze no judô, no boxe, no pentatlo moderno e no vôlei de praia (RIO2016, 2012). Mas em comparação, a equipe feminina de futebol de campo, como outras, vive situações conflituosas por falta de apoio e investimento ou sofrem abusos de autoridades como o caso da atleta olímpica de natação Joana Maranhão (CARDOSO, 2012).

CONCLUSÕES

A pesquisa ainda se apresenta em andamento, mas já revela pontos importantes dos feminismos que atuaram como influenciadores sobre as lutas pelos direitos das mulheres no âmbito das Olimpíadas.

Os feminismos, assim como muitos outros movimentos sociais, apresentam importância e envolvimento nas lutas das mulheres por seus direitos como cidadãs. Envolvidos no esporte, esses movimentos apresentam repercussões pouco estudadas e que merecem pesquisas sobre suas intervenções até os dias de hoje. Faz-se necessário transformar em estudos o que os corpos das atletas revelam sobre suas experiências, que não estão descoladas de um contexto social, portanto é possível correlacionar lutas por direitos comuns de grupos marginalizados.

Pensando assim, faz mais sentido perguntar como os processos de diferenciação social acontecem e desenvolver análises de igualdade e discriminação que tratem as identidades não como entidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais. O que fortalece nosso interesse em nosso projeto de pesquisa.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

FEMINISMS AND POSSIBLE IMPLICATIONS FOR OLYMPIC SPORT

ABSTRACT

Our work is presented as a cut of studies built for a Master at post graduate program in Media Studies at the Federal University of Rio Grande do Norte. We built a theoretical framework on understanding and impact of feminism through studies of feminists from different periods in order to understand their implications on important events for women in the Olympics. We rely primarily on Simone de Beauvoir works (1949), Joan Scott (1986) and Judith Butler (2007). The survey is presented in progress, but already reveals important points of feminisms that acted as influencers about the struggles for women's rights in the Olympics.

KEYWORDS: Physical Education; feminism; Olympics.

Feminismos y consecuencias posibles para deporte olímpico

RESUMEN

Nuestro trabajo se presenta como un corte de estudios contruidos para una tesis de Maestría en el programa de postgrado en Ciencias de la Información de la Universidad Federal de Río Grande do Norte. Hemos construido un marco teórico en la comprensión y el impacto del feminismo a través de estudios de las feministas de diferentes épocas con el fin de entender sus implicaciones sobre los acontecimientos importantes para las mujeres en los Juegos Olímpicos. Nos basamos principalmente en obras de Simone de Beauvoir (1949), Joan Scott (1986) y Judith Butler (2007). La encuesta se presenta en progreso, pero ya revela importantes puntos de feminismos que actuaron como factores de influencia sobre las luchas por los derechos de las mujeres en los Juegos Olímpicos.

PALABRAS- CLAVE: Educación Física; Feminismo; Olimpiadas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José. A liturgia olímpica. In: SOARES, Carmen. Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, p. 79-108.

ALVES, Amália Cardoso. A Construção social do papel da mulher. *Revista Científica da Faculdade Atenas: Juri 2012*, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p.1-1, Jun, 2012. Disponível em: <<http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAJURI2012>> Acesso em: 23 jun. 2014



ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA MULHERES E DESPORTO. *1896 Jogos da I Olimpíada – ATENAS (Grécia)*. 2012. Disponível em:
<http://www.mulheresdesporto.org.pt/web/index.php?option=com_content&view=article&id=440:1896-jogos-da-i-olimpiada-atenas-grecia&catid=171:cronologias-jogos-olimpicos-de-verao&Itemid=132>. Acessado em: 17.02.2015.

BEUAVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

BOUTILIER, M; GIOVANNI, L. Ideology, Public Policy and Female Olympic Achievement: a Cross-National Analysis of the Seoul Olympic Games. In Landry, F., Landry, M. & Yerlès, M. (eds), *Op. Cit.*, 1991. pp. 397 - 412.

BRASIL. Constituição (1988). *Emenda constitucional n.º 9*, de 9 de novembro de 1995. Lex: legislação federal e marginalia, São Paulo, v. 59. p. 1966, out./dez. 1995.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York and London: Routledge, 1990.

BUTLER, J. *The Psychic Life of Power*. California: Stanford University Press, 1997.

BUTLER, Judith. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pósmodernismo”. *Cadernos Pagu*, n. 11. 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

BUTLER. [1990]. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge. 2007.

COMMITTE OLYMPIC INTERNATIONAL (COI). *Fact Sheet: Women in the Olympic Movement*. 2012. Disponível em:
<http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/Women_in_Olympic_Movement.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2014



DEVIDE, F. P. *Gênero e Mulheres no Esporte: História das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 144 p, 2005.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta - Vida e Obra*. Editora Universitária (UFRN), P. 365. 1995.

FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e HEILBRN, Maria Luíza. *Antropologia e Feminismo. Perspectivas Antropológicas da Mulher*, v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GIAROLA, W A. *Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol*. Universidade Metodista de Piracicaba, Dissertação de Mestrado. 2003.

GOELLNER, S. V. *Mulher e Esporte no Brasil: Entre Incentivos e Interdições Elas Fazem História*, *Pensar a Prática*, 8/1: 85-100, Jan/Jun. 2005

GOELLNER, S V. *Mulheres e futebol: entra sombras e visibilidades*. *Revista Brasileira de Educação Física*. 2: 143-51. 2005

GOELLNER, S V. *Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios*. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, Ano II, número 4, Brasília. 2012

GOUGES, Olympe de. *Oeuvres*. Edited by Benoit Groult. Paris: Mecure de France, 1986.

MIRAGAYA A. *A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão*. In: Da Costa LP, Turini M. *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro (RJ): Gama Filho; 2002. v.1.

MIRAGAYA, A. M. F; DACOSTA, L. P. *Maria Lenk: as revoluções política e emancipadora da década de 1930 no Brasil que levaram a nadadora da Atlética às olimpíadas de Los Angeles*. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física*. Ponta Grossa: 2002.

MOURÃO, L. *A representação social da mulher brasileira na atividade físico-esportiva da segregação a democratização*. Universidade Gama Filho – UGF– Tese de Doutorado. 1998.



MOURÃO, L.; SOARES, A. 1949 – 1972 Duração das Olimpíadas Femininas no Brasil via Jornal dos Sports - Rio de Janeiro. In Tavares, O & DaCosta, L. (eds) *Estudos Olímpicos*, Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil: pp.98-107. 1999.

NOGUEIRA, Sergio Coutinho. A mulher nos Jogos Olímpicos: Saiba mais sobre a participação feminina nas Olimpíadas. *Webrun Ltda.*, Brasil, v. 1, n. 1, p.1-1, 17 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.webrun.com.br/h/noticias/a-mulher-nos-jogos-olimpicos/244>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

OLIVEIRA, G. CHEREM, E. H. L. TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. *Rev. bras. Ci e Mov.* 2008.

PAIM, M C C; STREY, M N; Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. *Efdeportes.com Revista Digital* - Buenos Aires - Ano 11 - N° 103 – Dez de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso em: 23 jun. 2014.

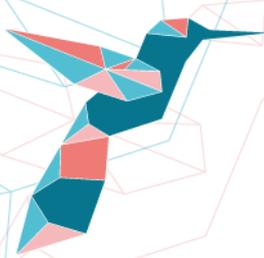
RIO2016 (Brasil). *Jogos Olímpicos da Era Moderna: 116 anos de avanços e conquistas*. 2012. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/noticias/noticias/jogos-olimpicos-da-era-moderna-116-anos-de-avancos-e-conquistas>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

RIBEIRO, Bianca Zacché; SILVA, Marcelo Rubens da; CALVO, Adriano Percival Calderaro. Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos. *Efdeportes.com*, Buenos Aires, v. 179, n. 18, p.1-1, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd179/mulheres-nos-jogos-olimpicos.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

RUBIO, K. SIMOES, A. C. De espectadores a protagonistas a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. *Rev. bras. Mov.* Ano V, n° 11, p 50-56, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revisão: Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50), *Educação & Realidade*, vol. 15, n° 2, jul./dez. 1990.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

SCOTT, Joan. Experiência. In SILVA, Alcione Leite da et al. (Orgs.). *Falas de Gênero*. Ilha de Santa Catarina, Mulheres, 1999.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Élvio A. Funck. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

SCOTT, Joan W. *O enigma da igualdade*. Revista Estudos Feministas. 2005.

SILVA, Ivana Lucia da. *A construção do corpo feminino na cultura olímpica*. 2003. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Ufrn, Natal/rn, 2003.

SILVA, R. H. Dos Reis; Educação física escolar e inclusão: desafios para uma prática concreta. *Revista Solta a Voz*, 2006, p. 161 v. 17, n. 2.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.